

Dez Anos de Pontificado do Papa Francisco: performatividade e resistências

*Ten years of Pontificate of Pope Francis:
performativity and resistance*

*José Aguiar Nobre
Elizeu da Conceição*

Resumo

Este artigo tem como escopo fomentar algumas reflexões acerca dos dez anos de pontificado do Papa Francisco. Ressaltaremos a sua forma performativa de proceder, isto é, de falar e agir, bem como as resistências desveladas e ou implícitas ao seu modo de conduzir a Igreja. Se trata de uma pesquisa bibliográfica em torno da questão: como podemos olhar os dez anos do Pontificado de Francisco e quais as perspectivas? Compreendemos que a maneira performativa de agir de Francisco tanto provoca adesão, acolhida e esperanças, quanto resistências tanto veladas quanto evidentes. Neste espaço não será possível quantificar nem o viés positivo [adesão], nem o negativo [resistência], contudo, a nosso juízo, neste tempo em que celebramos os dez anos do seu pontificado, será sempre imperativo voltar os nossos horizontes para esta década celebrativa, jubilosa. Os resultados esperados circunscrevem à expectativa de fazermos um movimento duplo: de olhada para o que se fez e como que uma “espiadela” no futuro, nas perspectivas, sem, contudo, cairmos na ceara futurista.

Palavras-chave: Papa Francisco. Dez anos. Performatividade. Resistências.

Abstract

This article aims to encourage some reflections about the ten years of Pope Francis' pontificate. We will emphasize his performative way of proceeding, that is, of speaking and acting, as well as the unveiled and/or implicit resistance to his way of leading the Church. It is a bibliographical research around the question: how can we look at the ten years of the Pontificate of Francis and what are the perspectives? We understand that Francisco's performative way of acting both provokes adherence, acceptance and hopes, as well as resistance, both veiled and evident. In this space it will not be possible to quantify either the positive bias [adhesion] or the negative [resistance], however, in our judgment, in this time when we celebrate the ten years of his pontificate, it will always be imperative to turn our horizons towards this commemorative decade, jubilation. The expected results are based on waiting for us to make a double movement: from sensation to what has been done and as a “sneak peek” into the future, into perspectives, without, however, falling into the futuristic scene.

Keywords: Pope Francis. Ten years. Performativity. Resistances.

Introdução

Os dez anos de Pontificado do Papa Francisco mostram o desempenho de um pastor à frente de uma das maiores instituições mundiais, a Igreja Católica. Com um modelo pastoral, que entendemos brotar da reserva de mistério que o Papa Francisco traz de toda a sua experiência de fecunda vida ministerial. O atual Pontífice influenciou diretamente no novo estilo curial e, portanto, no novo estilo de governo da Igreja Católica. Como todo novo jeito de governar causa tanto entusiasmo em uns, bem como estranheza e rejeição por parte de outros, não foi diferente com o novo Papa. Nestes dez anos surgiram muitas esperanças, mas também persistentes críticas que se transformaram em resistências obstinadas advindas da ala ultraconservadora da Igreja.

Tudo começou com a renúncia do Papa Bento XVI que, por motivos bastante conhecidos, mostrou não ter mais forças para resolver grandes problemas que enfrentava na condução da Igreja. Com isso, os cardeais reunidos em conclave, levando em consideração o momento delicado da Igreja, sentiram a necessidade de confiar a condução da Igreja a um “novo” Papa com um estilo diferente. Para tanto, elegeram um Papa do “fim do mundo”, como afirmou Francisco na sua primeira aparição pública na Praça São Pedro em Roma: os colegas cardeais resolveram buscar um papa lá no ‘fim do mundo’. Já, neste seu primeiro discurso, demonstrou o modelo eclesial em que acreditava e que vislumbrava para o seu pastoreio: “E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. (...) Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade”.¹

Neste artigo nos propomos a apresentar brevemente o estilo de Francisco, que, aos poucos, mostrou não se prender apenas resolvendo problemas encontrados, mas escolheu propor caminhos à Igreja. Os caminhos apresentados não estão contidos apenas em seus vastos documentos, mas em seu estilo de ser pastor. Entre introdução e considerações finais, o texto ficou assim subdividido: (i) O rigor doutrinal e a benignidade pastoral; (ii) A renovação eclesial; (iii) O modelo sinodal.

1. O rigor doutrinal e a benignidade pastoral

A grande novidade do pontificado do Papa Francisco parece não ser ‘tão nova’ quanto se esperava, pois, na verdade o que ele traz é exatamente um retorno ao Concílio Vaticano II, que, em seu espírito compreendemos que condensam a perspectiva do rigor doutrinal e da benignidade pastoral que Francisco segue com exímia performance. Observamos que, de maneira estratégica, sem se referir direta ou verbalmente ao Concílio Vaticano II, ele adota a proposta conciliar como mote decisivo para todo seu magistério petrino. Tal retorno à proposta conciliar, possibilita uma visão não só continuada do espírito profético da Igreja, mas, ao mesmo tempo, atualiza a sua sinuosa missão evangelizadora, obedecendo ao dinamismo da história da salvação. A atualidade do Magistério do Papa Francisco de modo indubitável, é eminentemente evangélica pois considera, acolhe e promove a humanidade daqueles que se encontram descartados pela sociedade.

Doutrinalmente falando, o Papa Francisco é consistente, perspicaz, incisivo, sério, corajoso. Propôs reformas na Cúria Romana que desemboca para toda a Igreja. Em sintonia com aquilo que Jesus ensinou “Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento” (Mt 5,17), fala e age como proposta universal. Ele aprimora e atualiza o espírito evangelizador da Igreja e não descarta ou não dá por superado aquilo que a Igreja propôs em sua trajetória, especialmente nas conclusões do Concílio Vaticano II, mas provoca mudanças.

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se em uma verdadeira experiência de fraternidade, caravana solidária, peregrinação sagrada.²

¹ FRANCISCO, PP. Bênção Apostólica “*Urbi et orbi*.”

² EG 89.

Observamos claramente que a forma poética e profética em que o Papa propõe o novo jeito de caminhar da Igreja ainda está por ser assimilada a fim de que seja acolhida e praticada. A leitura dos documentos conciliares demonstra a necessidade de a nova missão da Igreja ser guiada pela ação do Espírito do Ressuscitado, com uma atenção especial ao clamor dos que mais sofrem. Nesse sentido, em pleno acordo com o Concílio Vaticano II, o Papa Francisco, reafirmando que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo,”³ traz à tona aquilo que sonharam os padres conciliares. Sempre está se referindo de maneira crítica à cultura do descarte propalada nos tempos hodiernos. A esse respeito assim escreve aos idosos:

A consciência de que as forças declinam ou o aparecimento duma doença podem pôr em crise as nossas certezas. O mundo – com os seus ritmos acelerados, que sentimos dificuldade em acompanhar – parece não nos deixar alternativa, levando-nos a interiorizar a ideia do descarte. (...). Perante tudo isto, temos necessidade duma mudança profunda, duma conversão, que desmilitarize os corações, permitindo a cada um reconhecer no outro um irmão. E nós, avós e idosos, temos uma grande responsabilidade: ensinar às mulheres e aos homens do nosso tempo a contemplar os outros com o mesmo olhar compreensivo e terno que temos para com os nossos netos. Aprimoramos a nossa humanidade ao cuidar do próximo e, hoje, podemos ser mestres dum modo de viver pacífico e atento aos mais frágeis. A nossa atitude poderá, talvez, ser confundida com fraqueza ou servilismo, mas serão os mansos – não os agressivos e prevaricadores – que herdarão a terra.⁴

Para isso, Papa Francisco faz questão de admoestar que o reconhecimento da importância de todos na mesma caminhada se faz indispensável. Diante da situação incontrolável da pandemia do COVID-19, por exemplo, Francisco afirmou:

Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. (...) Não podemos continuar a estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos.⁵

Não obstante o rigor doutrinal de Francisco, observamos que ele é permeado pela sua benignidade pastoral. A sua amabilidade com as pessoas, especialmente com os sofredores é demonstrada no constante grito em seu favor. Ele não se cala e ousa denunciar modelos políticos e econômicos causadores de morte e de empobrecimento. Francisco adota como que um duplo caminho, mas de forma interligado: o rigor e a benignidade. Sobre a reforma da Cúria Romana assim se admoesta

A reforma da Cúria Romana será real e possível se brotar de uma reforma interior, com a qual fazemos nosso ‘paradigma da espiritualidade do Concílio’, expresso pela ‘antiga história do Bom Samaritano’, daquele homem, que se desvia de seu caminho para se aproximar de um homem meio morto que não pertence ao seu povo e que ele nem conhece. Trata-se aqui de uma espiritualidade que tem a própria fonte no amor de Deus que nos amou primeiro, quando ainda éramos pobres e pecadores, e que nos recorda que o nosso dever é servir como Cristo nossos irmãos, especialmente os mais necessitados, e que o rosto de Cristo seja reconhecido no rosto de cada ser humano, especialmente do homem e da mulher que sofrem (Mt 25,40).⁶

É neste duplo caminho, do rigor doutrinal e da benignidade pastoral que entendemos que “existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres”⁷ A energia de Francisco está evidenciada na sua

³ GS 1.

⁴ FRANCISCO, PP. Mensagem do Santo Padre Francisco para o dia mundial dos avós e dos idosos.

⁵ FRANCISCO, PP. Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé? *Statio Orbis*, p. 27.

⁶ PE 11.

⁷ EG 48.

capacidade performativa⁸ de ser. O seu jeito de falar e de se portar possibilita a adoção de um novo jeito de ser e de estar, não só na Igreja, mas no mundo hoje. Papa Francisco escreve para todas as gerações e procura implicar todas as pessoas, independente da sua crença religiosa ou não, num mesmo espírito de caminhada junto a que a humanidade está vocacionada. “Na minha exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, escrevi aos membros da Igreja, a fim de mobilizá-los para o processo de reforma missionária ainda pendente. Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum”.⁹ É impressionante a capacidade performativa do Papa Francisco tanto nos seus gestos quanto nas falas e posturas. Ele é um “furacão” que não damos conta de acompanhar. E o mais interessante é que a força de seu modo de ser está presente em seus escritos. Em face disso indagamos: de onde o Papa Francisco retira tanta força e vivacidade senão do Espírito Santo que traz em si? Ele escreve, se mistura com a multidão, faz gestos, dá atenção personalizada e se preocupa com as crises de nosso tempo, especialmente numa preocupação toda especial para que tenhamos um cuidado com a casa comum.

Durante muito tempo pensamos que podíamos ter saúde num mundo que estava doente. Mas a crise nos fez perceber quão importante é trabalhar por um mundo sã. O mundo é um dom de Deus à humanidade. (...). Se alguém que ama você lhe dá um presente bonito e valioso, como você lida com ele? Tratá-lo com desdém é tratar com desprezo quem lhe deu aquilo. Se você dá valor ao presente – se o admira, cuida dele, não desdenha dele –, você o respeita e se sente grato. O ato de danificar o nosso planeta nasce da perda dessa consciência de gratidão. Nós nos acostumamos a ter, e pouco ou nada a agradecer.¹⁰

A performance do Papa Francisco em conciliar, de modo perspicaz, tanto o rigor doutrinal quanto a benignidade pastoral, faz com que estes dez anos de seu pontificado se tornem motivos de celebração e de tomada de decisão pela sinodalidade ou não. Sem a obrigação de referenciar cada citação a seguir, pois estão espalhadas em seus escritos, discursos e pregações, como que misturada na sua pessoa, pois, sabemos que da sua boca saem palavras que edificam. E isso acontece exatamente por que ele possui um ouvido de discípulo que o capacita para possuir uma boca de profeta (Is 50,4). Sem necessidade de elencar todas as suas citações ou ensinamentos, observamos que as suas expressões, tais como: Igreja em saída, iniciativas pastorais que privilegiem, as chamadas para o sábio exercício do diálogo e do encontro, apontando para a necessidades de fomentarmos uma revolução da ternura. Junto a essas provocações e às suas inúmeras iniciativas como as celebrações dos vários sínodos: da Família, da Juventude, da Amazônia, bem como as

⁸ “A performatividade é o poder da linguagem para efetuar mudanças no mundo: a linguagem não apenas descreve o mundo, mas pode, ao contrário (ou também) funcionar como uma forma de ação social. O conceito de linguagem performativa foi descrito pela primeira vez pelo filósofo John L. Austin, que postulou que havia uma diferença entre a linguagem constativa, que descreve o mundo e pode ser avaliada como verdadeira ou falsa, e a linguagem performativa, que faz algo no mundo. Para Austin, a linguagem performativa incluía atos de fala como prometer, xingar, apostar e realizar uma cerimônia de casamento. Por exemplo, o enunciado “sim” - dito nas circunstâncias certas pelos falantes certos com as intenções certas - transforma o enunciador de solteiro em casado. Austin postulou uma série de condições de felicidade que devem ser atendidas para que tais elocuições funcionem performativamente. Outros estudiosos adotaram esses insights básicos para explorar as várias maneiras pelas quais a linguagem pode fazer coisas no mundo. Mais notavelmente, Judith Butler desenvolveu o conceito de performatividade para descrever como o gênero é construído na década de 1990. Butler argumentou que o gênero é um processo contínuo e socialmente construído, que procede por meio de uma série contínua de atos performativos, a partir, por exemplo, do enunciado de “É um menino!” ao longo da vida de uma pessoa. A performatividade, então, é o processo de formação do sujeito, que cria aquilo que pretende descrever e ocorre por meios linguísticos, bem como por outras práticas sociais. Seguindo Butler, o conceito de performatividade tem sido amplamente explorado em estudos antropológicos de gênero e sexualidade. Os estudiosos do ritual também usaram o conceito de ação performativa e performatividade de forma muito produtiva, observando como os rituais funcionam performativamente para ter efeitos no mundo. Outros tipos de performances também foram analisados do ponto de vista performativo. No final da década de 1990, antropólogos e outros acadêmicos que estudam economia começaram a considerar a performatividade econômica, ou como as práticas de economistas e outros especialistas financeiros não são simplesmente descritivas de seu assunto, mas também servem para moldá-lo. Não surpreendentemente, dada a conceituação inicial do conceito como de natureza linguística, os antropólogos linguísticos em particular acharam o conceito analiticamente útil. Uma série de desafios e questões têm caracterizado os debates acadêmicos sobre a linguagem performativa e a performatividade. Isso inclui o papel das intenções dos atores e questões de agência, a importância do contexto, a iterabilidade ou natureza repetida versus espontânea da ação performativa e os efeitos dos papéis sociais e distribuições de poder entre os participantes”. CAVANAUGH, J. R. **Performativity**.

⁹ LS 3.

¹⁰ FRANCISCO, PP. Vamos sonhar juntos, p. 37.

iniciativas da Assembleia Eclesial na América Latina, a Economia de Francisco e Clara, a proposta de criação de um Pacto Educativo Global, e agora o espírito da consolidação de uma Igreja permeada pela Sinodalidade, o Papa Francisco evidencia a urgência da renovação eclesial.

2. A renovação eclesial

Com o Papa Francisco, há uma incisão de ousadia no mundo, principalmente quando ele apresenta a perspectiva de uma fraternidade universal que se efetiva na amizade social. “O amor que estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos ‘amizade social’ em cada cidade ou em cada país. Se for genuína, essa amizade social dentro de uma sociedade é condição para possibilitar uma verdadeira abertura universal”¹¹. Retomando os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, questiona:

O que acontece quando não há a fraternidade conscientemente cultivada, quando não há vontade política de fraternidade, traduzida em uma educação para a fraternidade, o diálogo, a descoberta da reciprocidade e o enriquecimento mútuo como valores? Sucede que a liberdade se restringe, predominando, assim, uma condição de solidão, de pura autonomia para pertencer a alguém ou a alguma coisa, ou apenas para possuir e desfrutar. Isso não esgota, de maneira alguma, a riqueza da liberdade, que se orienta sobretudo para o amor.¹²

A performance do Papa Francisco para tocar em temas sensíveis é tanta que ele fala com uma propriedade das questões e uma autoridade inscrita que chega, de modo quase que ousado nos corações mais longínquos da fé. Até mesmo, porque o Papa Francisco não tem medo de valer-se das expressões “ousadia”, “arriscar-se”, “sair” etc. Os documentos por ele escritos causam sempre um alvoroço porque provocam o nascimento de processos. Mas, para dar seguimento a novos modelos eclesiais ele bem sabe que é necessário a comunhão de vida e a capacidade de deixar modelos antigos que estão cristalizados nas comunidades e no imaginário social de modo geral. Compreendemos que o grande sonho demonstrado nestes dez anos é o de uma “opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação”.¹³

No entanto, é evidente que a acolhida de seus documentos ainda está demasiadamente tímida por grande parte da Igreja. Percebemos os passos lentos e temerosos de muitos grupos, inclusive de padres, que preferem permanecer presos a um modelo ‘conservador’ que remonta ao período de pré-Concílio Vaticano II. Seria muito rico se os padres fizessem uso dos documentos do Papa Francisco durante os atendimentos de aconselhamento espiritual e que em todas as secretarias das Paróquias e Capelas os fiéis pudessem os adquirir. Os fiéis merecem ter acesso à riqueza produzida por Francisco a fim de que possam se alimentar espiritualmente e ajudarem nas próprias comunidades. Se faz urgente que os agentes de pastorais e os fiéis das comunidades estejam expostos ao manancial produzido pelo Papa Francisco. Quiçá nos próximos dez anos teremos o genuíno espírito do Magistério deste Papa sendo vivenciado dentro das comunidades de fé e, conseqüentemente, atingindo o sonho de uma fraternidade universal. Somente assim seria possível uma verdadeira revolução da ternura se formando como uma onda alimentada pela fé. “A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é indispensável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura”.¹⁴ Todo este modo de falar do Papa Francisco é revelador de uma crítica à onda estagnada ao passado saudosista, mas principalmente, é uma forma performativa de impulsionar uma genuína renovação eclesial.

¹¹ FT 99.

¹² FT 103.

¹³ EG 27.

¹⁴ EG 88.

Justamente por perceber essa onda de ‘retorno’ ou de fechamento a um modelo herdado e consolidado por anos de hegemonia da Igreja em terras de tradição cristã católica, é que Francisco retoma os fundamentos cristãos revelados no Concílio para estar sintonizado com o Evangelho e com a realidade. Com este Papa, entendemos que toda ação eclesial deve estar sintonizada prioritariamente com o movimento originário profético que animou o cristianismo. “Não é por acaso que a linha ardorosa e mais viva que vai estruturando a história bíblica situe sempre Iahweh do lado dos pobres e dos deserdados como seu defensor e salvador.”¹⁵ Fugir desse dado é subverter um ponto fundamental da espiritualidade bíblica, e isso o Papa Francisco entende perfeitamente, pois com sua experiência na Igreja Latino-americana parece propor a todos a ideia de que “a pobreza não é fruto do destino, é consequência do egoísmo.”¹⁶ Essa visão está em sintonia com a prática de Jesus, pois “só havia uma coisa capaz de sublevar Jesus, de suscitar sua ira e fazê-lo passar para o ataque: a exclusão ou desvalorização de qualquer homem ou mulher.”¹⁷

Vale recordar que a renovação eclesial proposta por Francisco é sempre alimentada pela história e pela memória a fim de que possamos cada vez melhor aprimorar o modo evangélico de estamos no mundo.

Um povo livre é um povo com memória, capaz de assumir sua história, sem a negar, e tirar dela os melhores ensinamentos. (...). Recordo a história não para honrar os antigos opressores, mas para prestar homenagem ao testemunho e à grandeza dos oprimidos. (...). Jesus não rejeita nem o seu povo e nem a sua história, ele os assume e nos ensina a fazer o mesmo: sem apagar a vergonha do passado, mas assumindo-o como ele é. (...). Temos de olhar o passado com olhos críticos, mas também com empatia, para entender por que motivo as pessoas aceitavam como normais coisas que hoje nos parecem horríveis. E se for preciso pedir perdão pelos erros das instituições daquela época, podemos fazer isso, mas sempre tendo em conta o contexto da época. Não é justo julgar o passado com a visão de hoje.¹⁸

Este modo performativo que reivindica postura séria, maturidade e um *são pluralismo* para que todos os seres da criação sejam valorizados na sua dignidade, a nosso juízo constitui um diferencial da renovação eclesial de Francisco que o coloca em plena sintonia com o Vaticano II ao reconhecer a autonomia do mundo e a necessidade de diálogo com ele. “Um *são pluralismo*, que respeite verdadeiramente aqueles que pensam diferente e os valorizem como tais, não implica uma privatização das religiões, com a pretensão de as reduzir ao silêncio e à obscuridade da consciência de cada um ou à sua marginalização no recinto fechado das igrejas, sinagogas ou mesquitas. Tratar-se-ia, em definitivo, de uma nova forma de discriminação e autoritarismo.”¹⁹ Com isso, Papa Francisco reivindica uma postura nova de estarmos no mundo. A renovação eclesial proposta por ele traz o corolário de uma sociedade alternativa. Se faz, pois necessário a constituição de um jeito de estar no mundo, adotando uma nova ética com uma nova ótica, a ótica do desconcertante amor que aprendemos com Jesus de Nazaré. E para tanto, apresenta a proposta concreta de um sinuoso processo de reeducarmos para a maneira de viver de Jesus, em cujo modelo sinodal se faz necessário.

3. O modelo sinodal

Desde 2013, quando Jorge Mario Bergoglio foi eleito Papa, o caminho de escuta do povo de Deus foi intensificado. Os cinco sínodos convocados pelo Papa Francisco (cujas temáticas estiveram sintetizadas em: Família por 2 vezes, Juventude, Amazônia e, o próximo, Sinodalidade) foram permeados pela escuta e diálogo. A reflexão sinodal dos bispos não se realiza simplesmente com um diálogo entre ‘pastores’, mas recolheu e interpretou a escuta do corpo vivo da Igreja, no qual estão contidas todas as categorias de fiéis, a fim de nos entendermos como livres e fiéis em Cristo. Este Papa

¹⁵ QUEIRUGA, A. T. Creio em Deus Pai, p. 64.

¹⁶ FRANCISCO, PP. Mensagem do Santo Padre Francisco para o V dia mundial dos pobres, n. 6.

¹⁷ QUEIRUGA, A. T. Creio em Deus Pai, p. 64.

¹⁸ FRANCISCO, PP. Vamos sonhar juntos, p. 35.

¹⁹ EG 255.

nos possibilita entender na prática que “a coragem de falar deve corresponder à humildade de escutar”.²⁰ Mais do que uma afirmação, este é um ritmo programático e desafiador estabelecido para Igreja e para a sociedade, que são conclamadas a uma profunda revisão no seu estilo de organização.

O modelo proposto, atualmente, é um grande desafio, principalmente pelo momento religioso atual. As grandes profecias que apresentavam ideais de transformação social que valorizavam e cuidavam dos pobres, foram mudadas por ideais de santidade visto como conduta reta no campo moral, sobretudo o sexual.

Historicamente houve um deslocamento do acento profético. Deixou-se infelizmente o campo social para concentrar-se em ameaças aos escândalos morais, especialmente no referente aos desmandos sexuais e ao abandono das práticas religiosas. Os sermões proféticos e apocalípticos carregavam-se de ameaças para os culpados. (...) Esse tipo de profecia caducou, embora igrejas neopentecostais conservadoras continuem com o mesmo discurso. Até mesmo chegam a apresentar a pobreza como castigo de Deus e a riqueza como bênção. Basta frequentar a teologia da prosperidade para ouvir esse discurso.²¹

O desafio descrito é o mesmo, tanto eclesial como social. A impressão é que politicamente, o discurso gira em volta do desenvolvimento econômico a todo custo. E, embora a sinodalidade pertença a um modo constitutivo à identidade da Igreja, entendemos que ela proporciona uma sólida base de compreensão da conjuntura social atual. A sinodalidade chama ao caminhar juntos em todas as dimensões de organização da vida humana, inclusive na econômica.

O ideal cristão convidará sempre a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual. Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque assim quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne e nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por monitores e sistemas que se podem ligar e desligar à vontade. Entretanto, o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado.²²

Este ideal de uma igreja sinodal está já posto por Francisco em várias de suas iniciativas. Neste fragmento que aponta para uma urgente necessidade de abraçarmos os riscos do encontro, compreendemos que ele está falando para quebrar o modelo `principalesco` da Igreja de modo que sejamos capazes de uma convivência como irmãos todos pelo batismo sem distinção hierárquica. E esse seu dizer está absolutamente explícito na sua forma de estar na Igreja, de morar junto a uma comunidade rejeitando uma residência privativa num castelo próprio, dentre outros tantos gestos educativos do Papa Francisco neste sentido. Quem não se lembra de imagens dele pegando a fila do almoço durante a celebração do Sínodo para a Amazônia? Só para citar um exemplo e ou também dos seus vários momentos de refeições com os pobres, dos seus gestos com as crianças, os doentes, os idosos e os que mais sofrem.

Esse seu jeito de vida simples e intensa aponta para um modelo de Igreja que seja participativa, sinodal, na qual todos caminhamos juntos. Quem se faz contra ao seu jeito de viver acaba ocupando um lugar de diabo, isto é, daquele que divide que atrapalha o sonho de uma proposta evangelizadora deixada por Jesus de Nazaré. Papa Francisco ao provocar um jeito de Igreja que seja sinodal, performativa provoca resistências diversas, e, a mais cruel de todas reside exatamente no silêncio interno intencional. A sutil maneira de não utilizar o manancial doado por ele à Igreja, a entendemos como a grande resistência que precisa ser quebrada, desmascarada. A saída mais plausível, honesta e inteligível, entendemos que reside exatamente na atuação firme daqueles que já entenderam essa birra pueril e amedrontada. De modo que, ao aproveitar todas as oportunidades para colocar nas mãos dos fiéis este entendimento, confiando às mulheres uma oportunidade de gerir permeado por este espírito profético dos dez anos de pontificado de Francisco, certamente as chances de avançarmos rumo a uma nova primavera nos próximos dez anos. E isso será possível independentemente das surpresas

²⁰ FRANCISCO, PP. Discurso de Papa Francisco na abertura do Sínodo.

²¹ LIBANIO, J. B., Olhando para o futuro, p. 164.

²² EG 88.

institucionais que virão com o próximo pontificado. A riqueza desses dez anos do Papa Francisco já nos é disponibilizada para que dela façamos uso consciente, ousado e performativo.

Conclusão

Compreendemos que os dez anos de pontificado do Papa Francisco devem ser celebrados de forma intensa. E quando falamos de celebração, entendemos que uma das formas mais justa e eficientes consiste exatamente em criarmos oportunidades de tecermos reflexões sobre o seu significado. Para tanto, em cada iniciativa vamos procurando compreender as suas proposições, ações, perspectivas e desafios para que algo seja feito no entorno de cada comunidade cristã na medida em que assimila o seu conteúdo. Normalmente, demoramos uma década para assimilar a profundidade das palavras de um grande líder, como Papa Francisco. Por exemplo, quando ele pondera: “Um dos pecados que, às vezes, se notam na atividade sociopolítica é privilegiar espaços de poder em vez dos tempos dos processos. (...) Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais com iniciar processos do que possuir espaços*”.²³ O Papa Francisco escreveu isto no início de seu pontificado e somente agora que parece estamos entendendo.

Com este texto, temos, exatamente, a pretensão de fazermos esse movimento de possibilitarmos um desencadeamento de processos. Quanto mais o fizermos, tanto maiores chances de atingirmos mais consciências teremos. É importante agirmos no espírito da parábola do semeador. O Espírito Santo ajudará nesse processo sem qualquer dúvida.

Enfim, o que queremos dizer, em outras palavras é que com os dez anos de pontificado do Papa Francisco, não obstante as resistências eles põem a descoberto a compreensão de que o Espírito Santo existe e ama a Igreja. A sua forma performativa encanta a muitos e é este o que precisa ser potencializado, observado para que possamos avançar cada vez mais. “O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos de uma cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás. Trata-se de privilegiar ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes”.²⁴ Este sem erro deve ser o presente que o Papa Francisco mais espera da Igreja para celebrar esta abençoada e incrível década de seu pontificado. Se trata de dez anos abençoados e, como tal, entendemos que deve ser visto, celebrado e valorizado. Dizer isso nem de longe se quer cair na tentação de uma “papolatria”, mas entendemos que é a maneira mais justa de reconhecermos o que significa essa década da vida da Igreja no mundo como uma dádiva.

Referências bibliográficas

Bíblia Sagrada Edição Pastoral. 14ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995.

CAVANAUGH, J. R. **Performativity.** Disponível em: <<https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199766567/obo-9780199766567-0114.xml>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II: *Gaudium et Spes*. Petrópolis: Vozes, 1987.

LIBANIO, J. B. **Olhando para o futuro.** Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina. São Paulo: Loyola, 2003.

FRANCISCO, PP. *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2014.

FRANCISCO, PP. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

²³ EG 223.

²⁴ EG 223.

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica *Predicate Evangelium***: sobre a Cúria Romana e seu serviço à Igreja no mundo. São Paulo; Brasília: Paulus; CNBB, 2022.

FRANCISCO, PP. **Bênção Apostólica “*Urbi et orbi*”**. *Primeira saudação do Papa Francisco*. 2013. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html>. Acesso: 29 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso de Papa Francisco na abertura do Sínodo**, <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html>. Acesso: 29 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé? *Statio Orbis***. Brasília: CNBB, 2021.

FRANCISCO, PP. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o V dia mundial dos pobres**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornatamondiale-poveri-2021.html>>. Acesso: 29 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Mensagem do Santo Padre Francisco para o dia mundial dos avós e dos idosos**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/nonni/documents/20220503-messaggio-nonni-anziani.html>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Vamos sonhar juntos**: o caminho para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

QUEIRUGA, A. T. **Creio em Deus Pai**: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano. São Paulo: Paulus, 1993.

José Aguiar Nobre

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Coordenador do Curso de Graduação do Departamento de Teologia da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
E-mail: nobre.jose@gmail.com

Elizeu da Conceição

Doutor em Pastorale Giovanile pela Università Pontificia Salesiana – Itália
Docente do Departamento de Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
E-mail: uezile2008@gmail.com

Recebido em: 10/04/2023

Aprovado em: 16/05/2023